

**COMPORTAMENTO SEXUAL DOS ACADÊMICOS INGRESSANTES EM CURSOS
DA ÁREA DA SAÚDE DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA****SEXUAL BEHAVIOR OF FRESHMEN IN AN UNDERGRADUATE HEALTH
SCIENCES PROGRAM OF A PUBLIC UNIVERSITY****CONDUCTA SEXUAL DE ALUMNOS INGRESANTES EN CURSOS DEL ÁREA DE
SALUD DE UNA UNIVERSIDAD PUBLICA**Lyvia Pereira e Silva¹, Fernanda Carolina Camargo², Helena Hemiko Iwamoto³

Fonte de Financiamento: BIC/FAPEMIG

RESUMO

Objetivou-se identificar o comportamento sexual entre acadêmicos ingressantes na área de saúde. Trata-se de estudo transversal, quantitativo-descritivo, por aplicação do *National College Health Risk Behavior Survey* em universidade pública do Triângulo Mineiro. Participaram 89 acadêmicos ingressantes, maioria de mulheres (89,9%), menores de 20 anos (65,2%), solteiros (92,1%), cor branca (73%) e procedentes de outros municípios (71,9%). A maioria (76,4%) havia iniciado as práticas sexuais com idade entre 15 e 18 anos (56,2%). Preservativo (27%) foi o principal método contraceptivo utilizado, seguido das pílulas (22,5%). Entretanto o uso do preservativo não foi consistente (29,3%) nos últimos 30 dias. Outros comportamentos de risco identificados foram consumo de álcool ou drogas antes das relações sexuais (14,6%) e não testagem para vírus da imunodeficiência humana (77,5%). Espera-se que os resultados subsidiem o planejamento de ações de assistência estudantil e a formação de recursos humanos em saúde qualificada para abordagem da sexualidade.

Descritores: Comportamento sexual. Estudantes de ciências da saúde. Conhecimentos, atitudes e prática em saúde.

ABSTRACT

The goal was to identify the sexual behavior of freshmen in an undergraduate health sciences program. It was a cross-sectional quantitative and descriptive study that used the *National College Health Risk Behavior Survey* in a public university of the Triângulo Mineiro region of the state of Minas Gerais, Brazil. The sample consisted of 89 freshmen; most were women (89.9%), under 20 years old (65.2%), single (92.1%), white (73.0%), and from other municipalities (71.9%). Most (76.4%) had become sexually active between the ages of 15 and 18 years (56.2%). Condoms (27.0%) were the main contraceptive method, followed by birth control pills (22.5%). However, condom use was inconsistent (29.3%) during the previous 30 days. Other risk behaviors were alcohol and drug use before sexual relations (14.6%) and not

¹ Acadêmica de enfermagem pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Uberaba, Minas Gerais, Brasil. E-mail: lyvia_103@hotmail.com.

² Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Atenção à Saúde da UFTM. E-mail: fernandacamargo@yahoo.com.br.

³ Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Professora Associada do Curso de Graduação em Enfermagem da UFTM. E-mail: helena.iwamoto@gmail.com.

testing for HIV (77.5%). These results can aid student health services and health area human resources to plan qualified actions for approaching sexuality.

Descriptors: Sexual Behavior; Students, Health Occupations; Health Knowledge, Attitudes, Practice.

RESUMEN

Se objetivó identificar el comportamiento sexual entre alumnos ingresantes del área de salud. Estudio transversal, cuantitativo-descriptivo, aplicándose el *National College Health Risk Behavior Survey* en universidad pública del *Triângulo Mineiro*. Participaron 89 ingresantes, mayoría de mujeres (89,9%), menores de 20 años (65,2%), solteros (92,1%), piel blanca (73,0%), de otros municipios (71,9%). La mayoría (76,4%) se había iniciado sexualmente entre los 15 y 18 años (56,2%). El preservativo (27,0%) fue el método anticonceptivo más utilizado, seguido por las píldoras (22,5%). No obstante, el uso del preservativo no resultó consistente (29,3%) en los últimos 30 días. Otros comportamientos de riesgo identificados fueron consumo de alcohol o drogas antes de mantener relaciones sexuales (14,6%) y falta de test de Virus de Inmunodeficiencia Humana (77,5%). Se espera que los resultados ayuden a planificar acciones de asistencia estudiantil y a formar recursos humanos en salud calificados para abordar la sexualidad.

Descritores: Conducta Sexual; Estudiantes del Área de la Salud; Conocimientos, Actitudes y Práctica en Salud.

INTRODUÇÃO

O reconhecimento do comportamento sexual tem sido apontado como fator importante para a organização de estratégias que impactem sobre os crescentes casos de: gravidez não planejada na adolescência, abortos induzidos, abuso sexual e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), em especial pelo vírus da imunodeficiência humana, que ocasiona a síndrome da imunodeficiência adquirida (HIV/Aids).^(1,2,3)

De forma geral, os comportamentos sexuais são singulares aos sujeitos, caracterizados por momentos permeados de simbolizações, que permitem um melhor conhecimento de si e dos parceiros.⁽⁴⁾ A contemporaneidade está marcada por

modificações substanciais nesses comportamentos, principalmente pela introdução de métodos anticoncepcionais (MAC) eficazes e disponibilidade de tratamento para as ISTs.^(4,5)

No Brasil, constata-se que há maior tolerância sobre os comportamentos sexuais, evidenciada pela aceitação social do sexo pré-marital e homoafetivo, e o fato da sexualidade feminina não estar ligada à procriação, de modo que o enfoque das práticas sexuais está cada vez mais relacionado à busca pelo prazer.⁽¹⁾

Para os jovens, as práticas sexuais nessa fase da vida são compreendidas como meio de emancipação e desenvolvimento de autonomia. Entretanto, quando não acompanhadas de amadurecimento psicoafetivo e responsabilidades, acabam

por impor extremas vulnerabilidades e riscos. Características próprias da juventude, como imaturidade e inexperiência, associadas à falta de acesso a informações e frágeis ações governamentais sobre saúde sexual e reprodutiva, podem trazer resultados deletérios à saúde e à vida dos jovens.^(1,6)

Não se pode negar que o ingresso em novos espaços e grupos sociais, como a universidade, acaba também por impactar em mudanças no comportamento sexual dos jovens, pois integrar as universidades representa oportunidade de se repensar os conceitos sobre a sexualidade. Em especial, conceitos influentes, estabelecidos primariamente em âmbito familiar e/ou religioso ou advindos do padrão cultural do município de origem dos acadêmicos.⁽⁴⁾

Há de se ressaltar que, em busca do Ensino Superior, é comum jovens se deslocarem para centros urbanos de maior porte, onde se encontram a maioria das universidades brasileiras, especialmente as públicas.⁽⁷⁾ Essa transição pode gerar conflitos sobre o comportamento sexual dos jovens – entre o pensar, o desejar e o fazer. O comportamento sexual dos acadêmicos ingressantes será definido conforme as relações, sociais e subjetivas, estabelecidas entre esses jovens e a nova condição de estar em uma universidade.⁽⁴⁾

Contudo podem emergir situações divergentes sobre as práticas sexuais,

decorrentes do que foi aprendido, por vezes, de forma conservadora, e o que é vivenciado na universidade. Muitos desses conflitos são resultantes da coexistência dos valores imbuídos no novo ambiente, frente aos próprios valores que os acadêmicos ingressantes carregam consigo.^(3,4)

Destaca-se que, para os ingressantes na área da saúde, o tema sexualidade apresenta dupla relevância: tanto para a vida pessoal quanto para atuação profissional. Nesse âmbito, é importante um olhar crítico sobre como tem sido abordada essa temática pelos profissionais de saúde.^(4,5)

No Brasil, são poucos os estudos que analisam comportamento sexual e fatores influenciadores, particularmente, entre os acadêmicos.^(4,8-9) Estudos realizados com acadêmicos da área da saúde demonstram que mesmo o conhecimento sobre ISTs, HIV/Aids e MAC não é suficiente para reduzir a exposição a práticas sexuais de risco.^(6,9-10)

Por sua vez, estudos apresentam que o próprio fato dos ingressantes ainda não terem contato com o tema na formação acadêmica, não terem adquirido conhecimentos específicos nem vivenciado situações assistenciais correspondentes acaba por inferir-lhes maiores vulnerabilidades frente à escolha de práticas sexuais mais seguras.^(4,8-9)

Essas constatações evidenciam a necessidade do reconhecimento do comportamento sexual dos acadêmicos para que o ambiente acadêmico seja um espaço que influencie tanto uma qualificação profissional sobre o tema como a redução de vulnerabilidades e exposição ao risco nas práticas sexuais. Dessa maneira, o presente estudo tem como objetivo identificar o comportamento sexual entre acadêmicos ingressantes na área de saúde em uma universidade pública federal no Triângulo Mineiro.

MÉTODO

Estudo exploratório, transversal, de abordagem quantitativa-descritiva. A população foi composta por acadêmicos ingressantes em quatro cursos da área da saúde (Enfermagem, Fisioterapia, Nutrição e Terapia Ocupacional) de uma universidade pública federal localizada no Triângulo Mineiro. Destaca-se que foram considerados como ingressantes na universidade aqueles matriculados no primeiro semestre do curso de graduação, sendo disponibilizadas, para cada curso, 30 vagas aos ingressantes. Os acadêmicos participaram do estudo de forma voluntária, compondo uma amostra de conveniência, para tanto, bastando encontrarem-se presentes no local e no momento da coleta dos dados.

A coleta de dados foi realizada de janeiro a março de 2013 e por meio de questionário estruturado e autoaplicado. As questões de estudo integram o questionário *National College Health Risk Behavior Survey* (NCHRBS), desenvolvido pelo *Centers Disease Control and Prevention* (CDC) dos Estados Unidos, o qual foi traduzido e validado em português por Franca e Colares⁽¹¹⁾. Foram abordadas oito questões do NCHRBS indicativas ao comportamento sexual, investigando-se: a idade da primeira relação sexual, a frequência das relações, a utilização de preservativos e métodos contraceptivos, consumo de álcool e drogas nas relações sexuais, histórico de gravidez, testagem para HIV/Aids e a exposição a relações sexuais forçadas, entendida, nesse estudo, como exposição à violência sexual. Além disso, foram incluídas, pelos autores, questões referentes à caracterização sociodemográfica dos acadêmicos.

Os questionários foram aplicados coletivamente, em sala de aula da própria universidade, a partir da autorização prévia do docente presente e após assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido pelo acadêmico participante, preservando-se seu anonimato. O preenchimento das questões teve duração média de 20 minutos. Foram considerados critérios de inclusão: ser acadêmico regularmente matriculado nos cursos de graduação na área da saúde

da universidade e estar cursando o primeiro período. Como critério de exclusão, considerou-se: ter menos de 18 anos e não se encontrar presente em sala de aula durante a aplicação do questionário.

Para análise dos dados, foi constituído banco de dados no *software Excel®* e posterior transposição para o operador *Statiscal Package for Social Sciences* (SPSS) versão 17.0. Foi realizada análise exploratória para observar a distribuição de frequências das variáveis estudadas. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Protocolo nº 2.354/2012.

RESULTADOS

Do total dos 120 acadêmicos da população-alvo, participaram do estudo 89 (74,2%), distribuídos entre os cursos de graduação: 26,98% Fisioterapia (n=24), 25,84% Terapia Ocupacional (n=23), 23,59% Enfermagem (n=21) e 23,6% Nutrição (n=21). A maioria dos participantes era do sexo feminino (89,9%), menores de 20 anos (65,2%), solteiros (92,1%), cor declarada da pele branca (73%), filhos de pais que não cursaram

Ensino Superior (pai 64,1%, mãe 59,5%). Entre os respondentes, 71,9% eram procedentes de municípios diferentes da localização da universidade. Sobre a instituição de Ensino Médio de origem, observa-se que 48,3% estudaram exclusivamente em escolas públicas (Tabela 1).

Quanto ao comportamento sexual, a maioria declarou já ter relações sexuais (76,4%), mantendo-as frequentes nos últimos 30 dias (55,1%), apresentando idade da primeira relação entre os 15 e 18 anos (56,2%) (Tabela 2).

Apenas dois acadêmicos referiram gestações anteriores. Métodos utilizados para prevenir gestação nas relações sexuais mais prevalentes foram pílulas anticoncepcionais (22,5%) e preservativos (27%) isoladamente e associados (21,3%) (Tabela 3).

No tocante ao comportamento sexual de risco, 14,6% referiram ter consumido bebida alcoólica ou utilizado drogas durante a última relação sexual, 77,5% nunca realizaram teste para HIV/Aids e o uso frequente de preservativo perfaz 42,7% dos declarantes. Todos os respondentes negaram terem sofrido algum tipo de relação sexual forçada na vida (Tabela 4).

Tabela 1. Aspectos sociodemográficos dos acadêmicos ingressantes na área da saúde da universidade pública. Uberaba/MG, 2013. n= 89

Aspectos sociodemográficos		N	%
Sexo	Feminino	80	89,9
	Masculino	9	10,1
Idade	< 20 anos	58	65,2
	≥ 20 anos	31	34,8
Estado civil	Solteiro	82	92,1
	Não solteiros	7	7,8
Cor da pele	Branca	65	73,0
	Não branca	24	27,1
Instituição que cursou Ensino Médio	Exclusivamente em instituições públicas	43	48,3
	Demais instituições	46	51,7
Escolaridade da mãe	Cursou Ensino Superior	36	40,5
	Não cursou Ensino Superior	53	59,5
Escolaridade do pai	Cursou Ensino Superior	30	33,7
	Não cursou Ensino Superior	57	64,1
	Não informaram	02	2,2
Município de procedência	Mesmo município da universidade	25	28,1
	Município diferente da universidade	64	71,9
Total		89	100

Tabela 2. Distribuição de comportamentos sexuais declarado pelos acadêmicos ingressantes conforme idade da primeira relação e frequência de relações nos últimos 30 dias. Uberaba/MG, 2013. n=89

Comportamento sexual		N	%
Idade da primeira relação sexual	Nunca teve relação sexual	21	23,6
	Aos 12 anos ou menos	0	0
	Aos 13 ou 14 anos	5	5,6
	Aos 15 ou 16 anos	21	23,6
	Aos 17 ou 18 anos	29	32,6
	Aos 19 ou 20 anos	9	10,1
	Aos 21 ou 24 anos	3	3,4
	Não informaram	1	1,1
Frequência de relações sexuais nos últimos 30 dias	Nenhuma vez	39	43,8
	1 vez	7	7,9
	2 a 3 vezes	13	14,6
	4 a 9 vezes	23	25,8
	10 a 19 vezes	5	5,6
	Mais de 20 vezes	1	1,1
Total		89	100

Tabela 3. Caracterização de gestações anteriores e métodos contraceptivos utilizados pelos acadêmicos ingressantes na área da saúde da universidade pública. Uberaba/MG, 2013. n=89

Gestações anteriores e métodos contraceptivos		N	%
Gravidez anterior ou ter engravidado alguém	Nenhuma vez	86	96,6
	1 vez	2	2,2
	Não informaram	1	1,1
Método para prevenir gravidez na última relação sexual	Nunca tive relação sexual	21	23,6
	Nenhum método foi usado para a prevenção	1	1,1
	Pílulas anticoncepcionais	20	22,5
	Preservativo	24	27,0
	Pílulas e preservativo	19	21,3
	Coito interrompido	1	1,1
	Não informaram	3	3,4
Total		89	100

Tabela 4. Distribuição de comportamentos sexual de risco, declarados pelos acadêmicos ingressantes, conforme consumo de álcool ou drogas nas relações, sexo forçado, testagem para HIV/Aids e uso de preservativo. Uberaba/MG, 2013. n=89

Comportamento sexual de risco		N	%
Consumo de álcool ou uso de drogas na última relação sexual	Nunca teve relação sexual	21	23,6
	Sim	13	14,6
	Não	55	61,8
Relação sexual forçada	Não	89	100
	Sim	16	18,0
Testagem para HIV/AIDS	Não	69	77,5
	Não sabe	3	3,4
	Não informaram	1	1,1
	Não teve relações sexuais	34	38,2
Frequência de uso de preservativos nos últimos 30 dias	Nunca usou	4	4,5
	Raramente usa	4	4,5
	Às vezes usa	7	7,9
	Utilizou na maioria das vezes	11	12,4
	Sempre usou	27	30,3
	Não informaram	2	2,2
Total		89	100

DISCUSSÃO

No Brasil, 36% dos jovens cursam Ensino Superior, sendo que em torno de 25% destes estão em universidades públicas.^(7,12) Ressalta-se que o acesso às instituições públicas de Ensino Superior tem-se destacado pela elevada concorrência. Geralmente, os jovens ingressantes nessas instituições são considerados mais bem-preparados e informados quando comparados aos demais jovens que frequentam outras universidades e com aqueles que não ingressaram no Ensino Superior.^(7,12)

Quanto às características sociodemográficas dos participantes desta pesquisa, essas se assemelham com as identificadas em outros estudos. Os ingressantes da área da saúde são na maioria jovens, solteiros, do sexo feminino e com cor da pele declarada branca.^(5,6,8-13)

Ganha destaque o fato de 48,3% dos ingressantes respondentes da presente pesquisa terem estudado exclusivamente em escolas públicas de Ensino Médio. Essa realidade acaba por refletir resultados das políticas compensatórias para ampliação do acesso ao Ensino Superior no Brasil.⁽⁷⁾ Sobre os elevados percentuais de inclusão das mulheres nos cursos de graduação da área de saúde, refletem as tendências já constatadas nas pesquisas recentes quanto às relações construídas histórica e socialmente entre a mulher e o processo de cuidar.^(6,9)

Em relação à faixa etária, a maioria dos acadêmicos ingressantes encontra-se na adolescência. Vale destacar que a adolescência compreende o período equivalente dos 10 aos 19 anos.^(6-8,13) Nessa fase da vida, o encontro ou a vivência dos jovens com parceiros ou grupos parece ser essencial. Entretanto essa tendência grupal pode induzi-los a assumirem comportamentos para os quais não estão preparados, como o início precoce de um relacionamento sexual. Talvez, na ânsia de viver intensamente, os jovens acabem esquecendo as consequências dos comportamentos, ampliando as vulnerabilidades para HIV/Aids ou ISTs e gestações não planejadas, situações estas que comprometem a concretização dos sonhos e projetos de vida.^(2,3)

Outro aspecto identificado que converge com as estatísticas das demais universidades públicas é a heterogeneidade de seus ingressantes, relacionada às diferentes regiões de onde são procedentes.⁽⁷⁾ Estudo realizado numa universidade pública federal do Piauí aponta que todos os 129 participantes eram de cidades interioranas.⁽⁴⁾ Estudo semelhante realizado na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, no primeiro semestre de 2012, demonstrou que 54,8% dos ingressantes eram procedentes de estados diferentes da localização da universidade.⁽¹³⁾ Essa situação imprime uma

diversidade cultural no convívio entre os acadêmicos.

A primeira relação sexual é considerada um marco histórico na vida dos jovens. O seu início ou adiamento está determinado por influências morais, familiares, religiosas e socioculturais, que definem os intercursos desse processo.^(4,14) Entretanto estudos indicam que, no Brasil, os jovens têm iniciado as atividades sexuais cada vez mais precocemente.^(1,15)

No Piauí, estudo realizado com acadêmicas de enfermagem ingressantes apontou que, das 79 participantes, 55,7% já haviam tido relações sexuais antes do ingresso na universidade, com predomínio da coitarca entre 15 a 18 anos (97,6%).⁽⁶⁾ Dos 349 estudantes ingressantes em universidades de Pernambuco, 62,5% já haviam tido experiência sexual.⁽⁸⁾ Na Universidade Estadual de Londrina, dos 260 participantes, 70,4% eram sexualmente ativos, com início das atividades sexuais entre 16 e 19 anos.⁽⁹⁾ Observa-se que as relações sexuais se iniciam previamente ao ingresso nas universidades para a maioria dos acadêmicos.

O estudo com acadêmicos de universidades localizadas em diferentes regiões brasileiras apontou que, dos 611 participantes, 56,1% já tinham experiências de relações sexuais, com média de idade da coitarca de 16,2 anos.⁽¹²⁾ Pesquisa com 1.621 jovens, entre 18 e 24 anos, da cidade

de Pelotas/RS, apontou que 90,5% já tiveram experiências sexuais, com média de idade de 15,7 anos para a primeira relação.⁽¹⁴⁾ Estudo de âmbito nacional identificou idade para a iniciação sexual entre os 16 e 19 anos.⁽¹⁵⁾ Esses resultados correspondem ao identificado no presente estudo, tanto para a faixa etária da coitarca (15 a 18 anos) quanto para a percentagem de ingressantes sexualmente ativos (com variação de 55,7% a 70,4%).

A respeito dos MAC utilizados pelos acadêmicos ingressantes, mesmo com o predomínio do preservativo masculino como primeiro método de escolha, seguido pelos anticoncepcionais, estudos apontam a utilização pelos acadêmicos de métodos pouco confiáveis na prevenção da gravidez, como o coito interrompido e a tabelinha.^(5,6,12)

Apesar de não ter sido mencionada pelos respondentes da presente pesquisa, ganha relevância, no cenário acadêmico, a utilização dos contraceptivos de emergência. Estudo em diferentes universidades do país apontou que 42% das acadêmicas respondentes que tinham vida sexual ativa já fizeram uso do método, sem o devido conhecimento das situações para qual está indicado.⁽¹²⁾ Pesquisas evidenciam ainda que aproximadamente 30% dos jovens não utilizam métodos contraceptivos em todas as relações sexuais, fato que os

expõem a uma vida reprodutiva não planejada.^(12,15)

A gravidez na adolescência é uma das principais consequências da não utilização adequada de MAC. A gravidez não planejada na adolescência provém da iniciação sexual precoce, podendo acarretar uma gama de problemas na vida das jovens, que vão do cunho social, familiar e biológico. Os problemas vão desde o aumento das chances para a prematuridade e baixo peso ao nascer do bebê até situações que limitam a vida laboral e educativa dos adolescentes. Outro conflito familiar é a falta de responsabilidade do pai, tanto no cuidado do bebê quanto na constituição familiar e na manutenção financeira, oriunda dessa nova condição. Muitas vezes o pai também é um adolescente e não está preparado psico e socialmente para assumir mais esse compromisso.⁽²⁾

Por sua vez, o despreparo para assumir a gestação leva os adolescentes a encontrarem no aborto uma forma para solucionar o problema, desconsiderando as suas consequências. No Brasil, o aborto induzido ou provocado é ato ilegal. E essa situação apresenta-se como um relevante problema de saúde pública dada a sua frequência entre os jovens. É a terceira causa de morte materna, com potencial exposição a sequelas como a esterilidade da mãe, hemorragias, infecções e problemas de ordem social.⁽²⁾ Frente à violência dessa

realidade, é necessário ampliar estudos que analisem os fatores que influenciam esse tipo de comportamento e os valores determinantes dessa conduta entre os jovens.

Ainda sobre MAC vale destacar que o preservativo é o método contraceptivo mais difundido entre os jovens.^(1,12,15) Entretanto o contingente de jovens que mantém relações sexuais desprotegidas ou com uso ocasional do preservativo ainda é elevado.^(9,16)

Segundo a Organização Mundial de Saúde, metade das novas infecções por HIV surgem em pessoas menores de 24 anos, sendo que a maioria se infecta por relação sexual.⁽¹⁷⁾ O uso infrequente do preservativo é o principal fator associado à presença de ISTs entre os jovens.^(15, 17) Por isso a importância do seu uso consistente nas relações sexuais.

Mesmo frente aos resultados de pesquisas de âmbito nacional, que apontam aumento na utilização do preservativo na iniciação sexual dos jovens, ainda persiste, como fator agravante para a exposição a ISTs e HIV/Aids, o fato de os jovens não o utilizarem de maneira correta e sistemática nesse intercuro.⁽¹⁵⁾ Alegam, para tanto, a imprevisibilidade na ocorrência das relações sexuais, a interferência desse método na obtenção do prazer durante o ato sexual ou manterem a confiança no parceiro.^(2,14,15)

O namoro, por exemplo, proporciona sentimentos de não vulnerabilidade às DST/HIV/Aids entre os jovens. Sobretudo por ser percebido como uma relação estável, segura, com presença de confiança entre o casal. Com isso, acaba por ocasionar a diminuição da utilização de preservativos nos atos sexuais.⁽¹⁸⁾

O presente estudo evidencia que 30,3% dos respondentes afirmaram uso frequente de preservativos nas relações sexuais. Em uma universidade estadual de Maringá, dos acadêmicos ingressantes da área da saúde, 40,2% usavam regularmente o preservativo.⁽⁹⁾ Entre os acadêmicos de Pernambuco, a percentagem foi de 64% para os ingressantes.⁽⁸⁾ Estudo realizado com 633 estudantes da universidade do extremo sul Catarinense identificou prevalência do uso de preservativo em 60%.⁽¹⁹⁾ Em pesquisa realizada em uma universidade estadual de Londrina, dos 260 participantes, 65,9% referiram fazer uso descontínuo ou nunca usar o preservativo.⁽⁹⁾ Em Pelotas/RS, dos 513 adolescentes que já tinham iniciado a vida sexual, 56,3% relataram usar sempre o preservativo, e o sexo feminino mostrou risco aumentado em 21% para uso ocasional do preservativo nas relações sexuais.⁽¹⁶⁾

Observa-se que as questões de gênero influenciam o uso do preservativo. Por mais que os jovens do século XXI sejam vistos como livres e bem-informados, há conflitos

sobre determinadas expectativas sociais, consideradas adequadas, para as práticas sexuais entre homens e mulheres. A essa realidade, adiciona-se as dificuldades que homens e mulheres exprimem em discutir a sexualidade nos relacionamentos e negociar práticas seguras. Sobretudo evidencia-se a dificuldade que as mulheres encontram em negociar com parceiros o uso da camisinha, submetendo-se à vontade masculina.^(2,3,16,19)

Potencialmente, os homens jovens sentem necessidade de provarem a si mesmos, pelo comportamento sexual, a sua masculinidade. Iniciam a vida sexual mais cedo do que as mulheres.⁽¹⁴⁻¹⁵⁾ Mesmo com o bom nível de informação e mediante o advento HIV/Aids, há resistência dos homens jovens em utilizar o preservativo, em especial, nas relações que consideram com vínculo estável.^(2,18) Em uma universidade estadual de Londrina, 39,6% dos ingressantes não souberam identificar o uso da camisinha pelo parceiro sexual nas relações sexuais. Mesmo diante dessa constatação, 62,8% dos respondentes tiveram uma baixa percepção do risco pessoal para exposição às ISTs e HIV/Aids.⁽⁹⁾

Outro agravante para o comportamento sexual, expondo os acadêmicos aos riscos, é o consumo de bebidas alcoólicas e uso de drogas. Há pesquisas que indicam que 10,7% dos participantes com vida sexual ativa

consumiram bebida alcoólica na última relação. Houve associação entre essas práticas e exposição a um maior número de parceiros sexuais.⁽¹⁶⁾ O uso de tabaco e drogas foi associado, também, à idade precoce para primeira relação sexual.⁽¹⁴⁾

De forma geral, o comportamento sexual dos jovens é resultante de uma série de aprendizagens que indicam as razões pelas quais devem ter determinado agir, determinada prática sexual. A interiorização dessas aprendizagens é resultado do envolvimento no *modus operandi* dos espaços sociais que integram e incorporam padrões de grupos considerados relevantes, mais por experimentar uma situação do que por consultas às normas e regras existentes.⁽¹⁸⁾

Os hábitos sexuais começam no início da vida sexual e perduram ao longo da vida, por isso a importância do comportamento seguro desde a adolescência.^(3,14,16,18) E a educação sexual formal pode auxiliar a minimizar a exposição a riscos. É preciso um trabalho conjunto em saúde e educação, em espaços oportunos como o ambiente acadêmico, com vistas a promoção de saúde sexual e reprodutiva. Considerando que o início da vida sexual ocorre cada vez mais cedo, dirigir esforços na orientação dos jovens com relação às ISTs e planejamento das gestações é necessário e urgente.^(3,18)

CONCLUSÕES

O comportamento sexual dos acadêmicos ingressantes da área da saúde pesquisados apontou que a minoria (23,6%) ainda não havia iniciado as práticas sexuais antes de ingressar na universidade. Entre 2% dos respondentes persiste a adoção de MAC pouco efetivos. E, apesar das pílulas anticoncepcionais e o preservativo serem os métodos mais empregados para prevenir a gestação, o consumo de álcool ou drogas antes das relações (14,6%) e o uso não consistente do preservativo acabam por expor (29,8%) a gestações não planejadas, ISTs e HIV/Aids. Vale ressaltar que 77,5% informaram nunca ter realizado teste para HIV/Aids.

É necessário empreender estudos que indiquem fatores influenciadores desses comportamentos, como ocorre a obtenção de informações sobre as práticas sexuais pelos jovens, os valores que as permeiam e o que estimula a adoção de condutas sexuais mais seguras entre os acadêmicos.

De forma geral, a discussão da sexualidade deve ser ponto de pauta em diferentes espaços sociais. Deve se desenvolver antes do ingresso à universidade, tendo em vista a precocidade da iniciação sexual. Contudo as universidades podem apresentar contribuições importantes para a formação sexual dos jovens, em especial, dos

acadêmicos da área da saúde, que deverão empreender esses conhecimentos em sua atuação profissional futura.

Considerando que abrigam uma população de elevada vulnerabilidade à temática, é oportuno que as universidades estreitem canais de comunicação para a abordagem da sexualidade. E é crucial o desenvolvimento de estratégias que apoiem o protagonismo dos jovens e ampliem a interação entre o processo ensino-aprendizagem e a adoção de comportamentos mais propositivos para a saúde sexual e reprodutiva.

Assim o reconhecimento do comportamento sexual dos acadêmicos ingressantes apresenta-se como subsídio para organização de ações que contribuam na promoção de práticas sexuais mais seguras. Espera-se que os dados desta pesquisa possam propiciar subsídios para o planejamento de ações de assistência estudantil e para a formação de recursos humanos em saúde qualificada na abordagem das práticas sexuais.

REFERÊNCIAS

1. Paiva V, Aranha F, Bastos FI et al. Opiniões e atitudes em relação à sexualidade: pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005. *Rev Saúde Pública*. 2008; 42(Supl 1):54-64.
2. Dias FLA, Silva KL, Vieira NFC, Pinheiro PNC, Maia CC. Riscos e vulnerabilidades relacionados à sexualidade

na adolescência. *Rev. enferm. UERJ* [internet]. 2010 [acesso em: 10 out 2013]; 18(3): 456-461. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v18n3/v18n3a21.pdf>.

3. Fonseca AD, Gomes VLO, Teixeira KC. Percepção de adolescentes sobre uma ação educativa em orientação sexual realizada por acadêmicos(as) de enfermagem. *Esc Anna Nery Rev Enferm*. 2010;14 (2): 330-337.
4. Moreira MRC, Santos JFFQ. Entre a modernidade e a tradição: a iniciação sexual de adolescentes piauienses universitárias. *Escola Anna Nery*. 2011;15(3):558-566.
5. Aragão JCS, Lopes CS, Bastos FI. Comportamento sexual de estudantes de um curso de medicina do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Educação Médica*. 2011; 35(3):334-40.
6. Aquino OS, Brito FEV. Perfil sexual de adolescentes universitários de um curso de graduação em enfermagem. *REME – Rev. Min. Enferm.*;16(3): 324-329, jul./set., 2012
7. Andifes (BR). Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das Universidades Federais Brasileiras. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE). Brasília. TC. 2011; 64p.
8. Franca C, Colares V. Estudo comparativo de condutas de saúde entre universitários no início e no final do curso. *Rev Saúde Pública* 2008;42(3)420-7.
9. Dessunti EM, Reis AOA. Vulnerabilidade às dst/aids entre estudantes da saúde: estudo comparativo entre primeira e última série. *Cienc Cuid Saude* 2012; 11(suplem.):274-283
10. Alves AS, Lopes MHBM. Conhecimento, atitude e prática do uso de pílula e preservativo entre adolescentes universitários. *Rev bras enferm*. 2008 jan./fev.; 61(1): 11-7.
11. Franca C, Colares V. Validação do National College Health Risk Behavior Survey para utilização com universitários brasileiros. *Ciênc saúde coletiva* [internet]. 2010 [acesso em: 05 out 2012]; 15(Supl.

- 1):1209-1215. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232010000700030&script=sci_arttext
12. Silva FC, Vitalle MSC, Maranhão HS, Canuto MHA, Pires MMS, Fisberg M. Diferenças regionais de conhecimento, opinião e uso de contraceptivo de emergência entre universitários brasileiros de curso da área de saúde. *Cad Saúde Pública* [internet]. 2010 [acesso em: 17 out 2013];26(9):1821-31.
13. Nardelli GG, Gaudenci EM, Garcia BB, Carleto CT, Gontijo LM, Pedrosa LAK. Perfil dos alunos ingressantes dos cursos da área da saúde de uma universidade federal. *REAS* [Internet]. 2013 [acesso em: 25 jan 2013]; 2(1):3-12. Disponível em: <http://www.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/enfer/article/view/405>.
14. Hugo TDO, Maier VT, Jansen K, Rodrigues CEG, Cruzeiro ALS, Ores LC, et al. Fatores associados à idade da primeira relação sexual em jovens: estudo de base populacional. *Cad Saúde Pública* [internet]. 2011 [acesso em: 17 out 2013]; 27(11): 2207-14. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2011001100014&lng=en&nrm=iso&lng=pt
15. Paiva V, Calazans G, Venturi G, Dias R et al. Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros. *Rev Saúde pública* [internet]. 2008 [acesso em: 15 ago 2013]; 42 (Supl. 1): 45-53. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102008000800007&script=sci_arttext
16. Cruzeiro ALS, Souza LDM, Silva RA, Pinheiro RT, Rocha CLA, Horta BL. Comportamento sexual de risco: fatores associados ao número de parceiros sexuais e ao uso de preservativo em adolescentes. *Ciênc saúde coletiva* [internet]. 2010 [acesso em: 04 out 2013]; 15(Supl. 1):1149-1158.
17. World Health Organization (WHO). *Library Cataloguing-in-Publication Data Global report: UNAIDS report on the global AIDS epidemic*. 2013 [acesso em: 12 jan 2014]. Disponível em: http://www.unaids.org/en/media/unaids/contentassets/documents/epidemiology/2013/gr2013/UNAIDS_Global_Report_2013_en.pdf
18. Rebello LEFS, Gomes R. Qual é a sua atitude?: Narrativas de homens jovens universitários sobre os cuidados preventivos com a AIDS. *Saude soc* [internet]. 2012 [acesso em: 05 set 2013];21(4): 916-92. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902012000400011
19. Costa LC, Rosa MI, Battisti IDE. Prevalence of condom use and associated factors in a sample of university students in southern Brazil. *Cad Saúde Pública* [internet]. 2009 [acesso em: 05 set 2013]; 25(6):1245-1250.

Artigo recebido em 12/05/2014

Aprovado para publicação em 14/07/2014.